

BRASIL-PORTUGAL

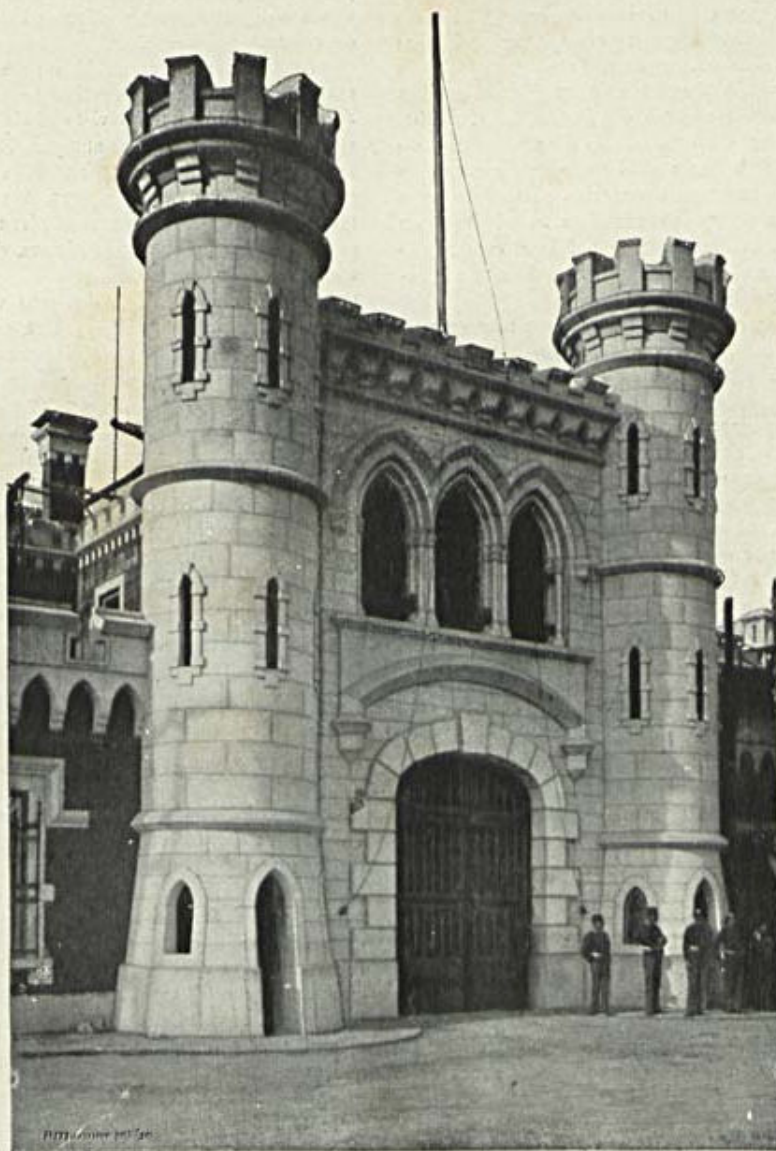
FUNDADOR — Augusto de Castilho.
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô Tavares.

PROPRIETARIA — A empresa do Brasil-Portugal.
CHEFE DO ESCRITÓRIO — J. Nunes de Freitas.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial

1 DE SETEMBRO DE 1912

N.º 327

A conspiração monarchica



Entrada principal da Penitenciária de Lisboa, onde já estão internados muitos dos conspiradores julgados pelos Tribunaes Marciaes

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de setembro de 1912

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

A bordo do «ASTURIAS» — Ao chegar á bahia — Aos meus amigos de Lisboa

É bem o mesmo este Atlantico que eu atravessei ha trinta annos com as suas aguas plumbeas, sob o vasto céu acastelado de nuvens. A sua monotona immensidade tenho-a gravada na memoria. É a mesma que ha trinta annos atrahia o meu espirito e povoava de visões e lendas a minha mocidade prescrutadora e irrequieta. Tenho-a tão presente, agora que da coberta do *Asturias* a venho contemplando, como nesses dias de 1883, em que o *Niegar* me trazia pela primeira vez ao Brasil, ávido o espirito de curiosidade, o cerebro cheio de illusões, o coração a trasbordar de esperanças.

Simplemente, a chamma que então aquecia o cerebro, apagou-se, o sonho que enchia o coração, desfez-se. A vida, com mais redemoinhos, com maiores perturbações, com as suas ondas bravias, os seus vae-vens constantes, mais intensos e agitados que os das aguas revoltas sulcadas por este navio, arrancou da alma as suas utopias, reduziu e quebrantou aquella energia mascula que dá a gloria de viver e a ancía de triumphar.

Mas o *Asturias* vae singrando, fazendo as suas dezeseis milhas por hora, indifferente a sonhos, a amores, a odios, a lutas, a illusões, a desenganos, a esperanças, ao torvelinho de sentimentos, ao conflicto de paixões que se debatem nas almas, que dilaceram os corações de muitos d'aquelles que com um sorriso contrafeito, com um aspecto falsamente prazenteiro, se associam ás alegrias de bordo, e, com o trato mais artificiosamente polido e cortez, são compartes em todas as festas e distracções que amenizam e aligeiram os quatorze dias de travessia.

E que não se póde imaginar uma viagem sobre o mar com as attracções e os encantos d'esta. Parece terem sido escolhidos a dedo, para o effeito, os que constituem esta sociedade cosmopolita.

Dos trezentos e sessenta passageiros que occupamos a primeira classe, raros são os que se não empenham e afadigam para que os *sports* de bordo surtam o melhor resultado, para que os rapazes se divirtam, para que as senhoras se distraiam, para que os velhos a si proprios se illudam, e na curta vida d'esta cidade fluctuante não cheguem a sentir o peso da idade.

Para o fim procurado, tudo á maravilha se combina. Os ventos não rugem desesperados, o sol illumina os confins do horizonte, o luar abre esteiras de luz no infinito das aguas, o leão — oceano encolhe as garras, e, talvez por comprazer, mostra a sua face amavel e sorridente. Ao longe, baleotes, de quando em quando, sobem á tona d'agua, cardumes de peixes voadores acompanham o navio na sua róta milhas a seguir, nas alturas de Pernambuco inoffensivos tubarões rompem a crista das ondas como que para cumprimentar affavelmente os passageiros do *Asturias*, que da amurada se debruçam a fital-os, rodeiam-n'os dezenas de primitivas jangadas, de onde sóbem até nós exclamações ingenuas dos arroçados e humildes tripulantes, e, para lá da Bahia, chamam-nos a attenção barquinhos quasi microscopicos com as suas vélas enfunadas. São as baleeiras dos pescadores da Povia do Varzim, que abastecem de peixe o mercado do Rio de Janeiro, que da pesca da garópa, do mero, da pescada, do badejo, fazem uma industria rendosa que os sustenta a elles no Brasil, que lhes sustenta as familias em Portugal e que réga de ouro toda essa pittoresca região da Povia, onde as casitas novas, commodas, pintalgadas, vistosas, accusam o trabalho arriscado e afanoso d'esses rudes exploradores do mar, d'esses uteis portuguezes do norte.

Os *Abrolhos*, cachopos erriçados, erguem-se a poucas milhas. Entre nós e elles, enxames de outros habitantes d'estes mares saltitam em vertiginosos rodopios. São os *bótos*, peixes benemeritos, que se houvesse justiça equitativa deviam ser condecorados com a

medalha de salvação. Porque os *bótos*, na sua existencia de nómadas do oceano, têm uma missão a cumprir: salvar os naufragos... e honradamente a cumprem.

Corpo de christão ou de judeu, de portuguez ou de china — é-lhes indifferente a elles a religião ou a nacionalidade — é salvo e conduzido a terra por esses bemfeitores da humanidade ingrata.

O Atlantico, nesta latitude, já de ha muito deixou as carregadas côres de chumbo, chegando agora, no azul-turqueza das suas aguas, a confundir-se com o Mediterraneo. Na altura em que traço estas linhas eu tenho a illusão de que se desdobra aos meus olhos, com todo o seu encanto, limpido e suave, a *Côte d'azur*. E é em presença d'este espectáculo empolgante, sob a macia luz d'este céu crystalino, na adoravel calmaria d'este mar de leite, que a alegria de bordo *bat son plein*.

De dia, ás horas em que se não come, que poucas são, porque a sineta seis ou sete vezes reúne os passageiros na ampla e elegante sala de jantar, os mais variados *sports*, os exercicios mais imprevisos, os mais interessantes jogos, constituem uma distracção constante, viva, animada, em que se travam disputas, em que se fazem apostas, em que se conquistam premios. E as gargalhadas rebentam estridulas quando os vencedores reduzem os vencidos a attitudes ridiculas e grotescas. E as palmas e os *hurrahs* estrugem em toda a coberta aclamando os victoriosos.

Para os premios, abriu-se uma subscripção que rendeu 79 libras, e não é menos interessante o espectáculo da distribuição dos premios, no grande salão de leitura, em que o jury proclama alto, em bom inglez, os nomes dos triumphadores, por toda a assembleia aclamados em delirio, redobrando as palmas e os brados quando as senhoras, e sobretudo as mais novas e gentis, se approximam da mesa para receber, ou a ventarola de marfim, ou a boceta de prata, ou o *porte-monnaie* artistico, ou algum, em summa, dos numerosos objectos, que constituem os brindes adquiridos pelas libras da rendosa subscripção.

As noites são preenchidas na maior parte pelos bailes e concertos, e como se a inventiva se não exgotasse, vi d'esta vez no *Asturias* o que não tinha visto ainda nas minhas viagens pelos mares da Europa: um *bal masqué*. É como lhes digo, um baile de mascarar a bordo, com a sua Mme. de Pompadour, os seus fidalgos Luiz XIV, os seus pagens, a sua rainha Maria Stuart, a sua tyroleza, e outras figuras devéras comicas, rapazes vestidos de criadas de bordo, outros de *clowns*, de almirantes, de marujos, toda uma collecção de figuras, historicas, ridiculas, finas, hilariantes, mostrando o bom humor dos que viajam, a graça das *exquises* e loiras inglezinhas, a alegria britannica dos rapazes desembaraçados e fortes, o contentamento desprendido e franco dos moços brasileiros, e não sei se em tudo isto a collaboração de algum raro portuguez. O que sei é que todos aproveitaram o *entrain* d'essa singular festa nocturna, a bordo de um paquete, para pensar altruisticamente nos que soffrem.

Duas formosas damas inglezas percorrem todos os assistentes pedindo: «para o cofre das familias dos naufragos». Libras e schillings são profusamente lançados na bandeja de prata, e duas horas depois, o presidente do jury dos *sports* annuncia que trinta libras tinham sido apuradas e iam ser entregues ao commandante, para lhes dar o humanitario destino.

É o ultimo dia de viagem; não tarda muito que o *Asturias* lance ferro na mais vasta bahia do mundo. Vae, finalmente, a America abrir-nos os seus braços hospitaleiros. Já diviso ao longe a *silhouette* do Pão d'Assucar e a graciosa linha architectonica do Palacio Monroe. Corre de bocca em bocca a palavra magica: «Rio de Janeiro».

Eis-nos emfim! As lanchas, airozas, rapidas, approximam-se, vamos saltar em terra. E enquanto se ordenam os preparativos de sahida, não consigo furtar-me á necessidade dolorosa de me recolher alguns instantes dentro de mim mesmo e de abranger mentalmente a distancia que medeia entre as capitais das duas Republicas, aquella que eu deixei e aquella onde vou entrar. Como essa distancia, estructural e politica, é bem maior que o Oceano que as separa!

A lembrança dos festivos dias de viagem, as auras de liberdade trazidas nas brisas do vasto mar, e como que dilatadas, purificadas ainda na magnifica bahia do Rio de Janeiro, que é como que a colossal porta aberta para este joven emporio de civilização e de liberdade, toda a magia d'esse espectáculo, toda a vibração

d'esse pensamento, toda essa evocação augusta, acabrunha-me, fere-me a sensibilidade, amargura-me a alma. É que, sem o querer,

Como que sinto virem até mim as lágrimas, as supplicas, os gritos, os gemidos de tantas victimas, de tantas mães em luto, de

A conspiração monarchica



Na Penitenciaria de Lisboa — D. João de Almeida prestando declarações

ao vêr-me no Brasil, penso em Portugal, ao entrar no Rio de Janeiro, olho para Lisboa. E uma nuvem negra, caliginosa, tolda de

tantas esposas desoladas, de tantas filhas e irmãs que no meu paiz choram a ausencia dos sêres queridos—republicanos ou monarqui-

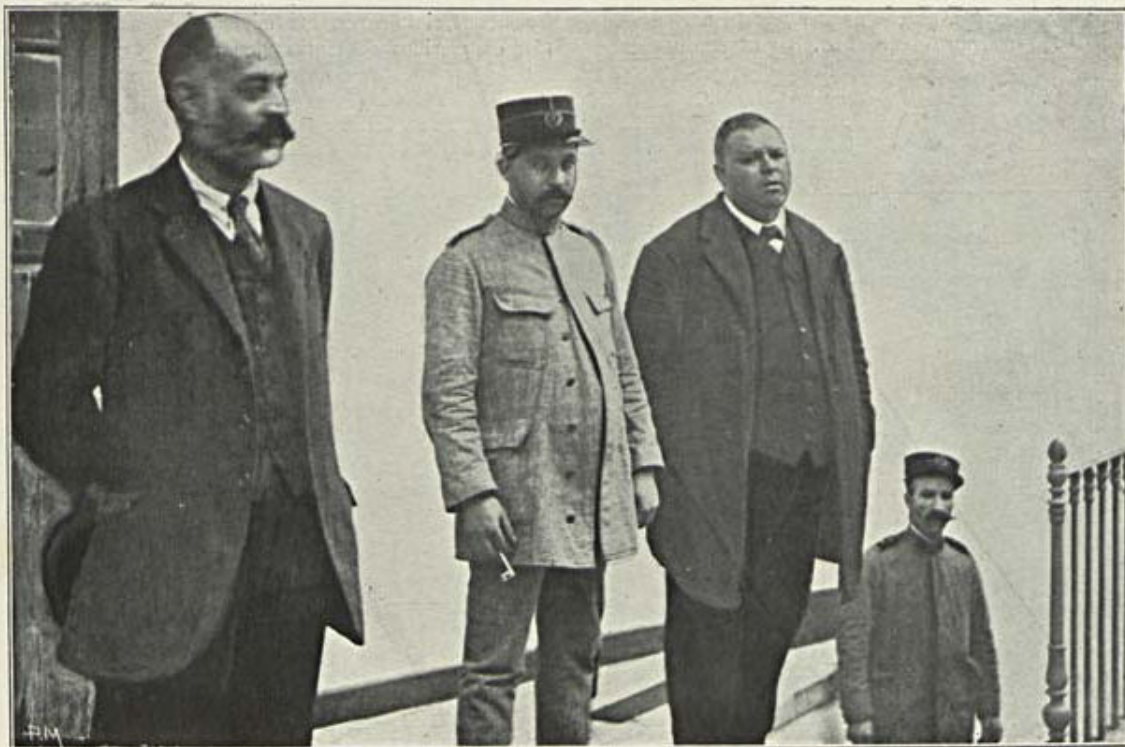


A conspiração monarchica — O reverendo padre Barroso respondendo ao interrogatorio na Penitenciaria de Lisboa

(Phot. de ***)

subito, ao mesmo tempo, a doce atmosphera que respiro e me tonifica, e a consciencia da realidade que me tortura e asphixia.

cos, que importa! se são portuguezes—uns enterrados nas casamatas das fortalezas e na negridão das enxovias, outros—por



A conspiração monarchica — D. João de Almeida e o padre Barroso, dirigindo-se para as suas cellas

certo mais felizes — enterrados nos cemiterios das aldeias do norte, ou nos fundos lodosos dos rios da fronteira, ou nas escarpas das serras bravias. Confrange-se-me o coração ao pensar que um vento de desgraça varre Portugal, e que só a vingança, o rancôr, a aggressão, a obsessão do sangue, assentaram arraiaes e têm fóros de victoria n'essa boa terra portugueza, em que a victoria só era d'antes conquistada por aquelles que inscreviam na sua bandeira o amor, a lealdade, a solidariedade humana, a bondade nativa, todas as grandes qualidades da raça. Agora que eu ponho pé em terra, n'esta terra que o velho Portugal offereceu á civilização, n'esta terra que aboliu uma monarchia e creou uma Republica, n'esta terra bemdita que para ser livre não precisou violentar consciencias, nem offender crenças, nem esmagar tradições, agora que eu vejo ao meu lado desembarcarem do vapor duas irmãs de caridade, tres padres e um frade franciscano, todos com os seus habitos talares, e correrrem para elles a abraçal-os effusivamente os seus amigos e patricios, que não deixam por isso de respirar a mesma liberdade que respiram os de crença opposta, agora que eu entro n'esta linda cidade de progresso material, de belleza esthetica, de tolerancia para todas as opiniões, de braços abertos para todos os que chegam, agora, pelo pavor do confronto, pelo choque do contraste, atravez da dolorosa evocação, eu sinto fundir-se todo o meu ser affectivo na amargura, na angustia, dos que lá ficaram.

4 de Agosto de 1912.

JAYME VICTOR.

ANECDOTAS

Resultado do furor da amabilidade

Representava-se uma peça em que figuravam, como actores, pessoas da aristocracia. Ao terminar o espectáculo, um titular dirige-se a uma das actrizes amadoras, uma condessa, e felicita-a entusiasticamente pelo seu triumpho artistico.

— Lisonjeiro, replica a condessa, não diga isso. Bem sabe que para se desempenhar bem o meu papel é preciso ser nova e bonita.

— Pois, minha senhora, responde com toda a galanteria o titular, V. Ex.^a acabou de provar precisamente o contrario.

Governar um reino

Perguntando alguém a Milton, qual seria a razão porque em certo paiz um rei podia assumir o governo aos quatorze annos,

enquanto que só lhe era permittido casar aos dezoitos, o grande poeta respondeu ;

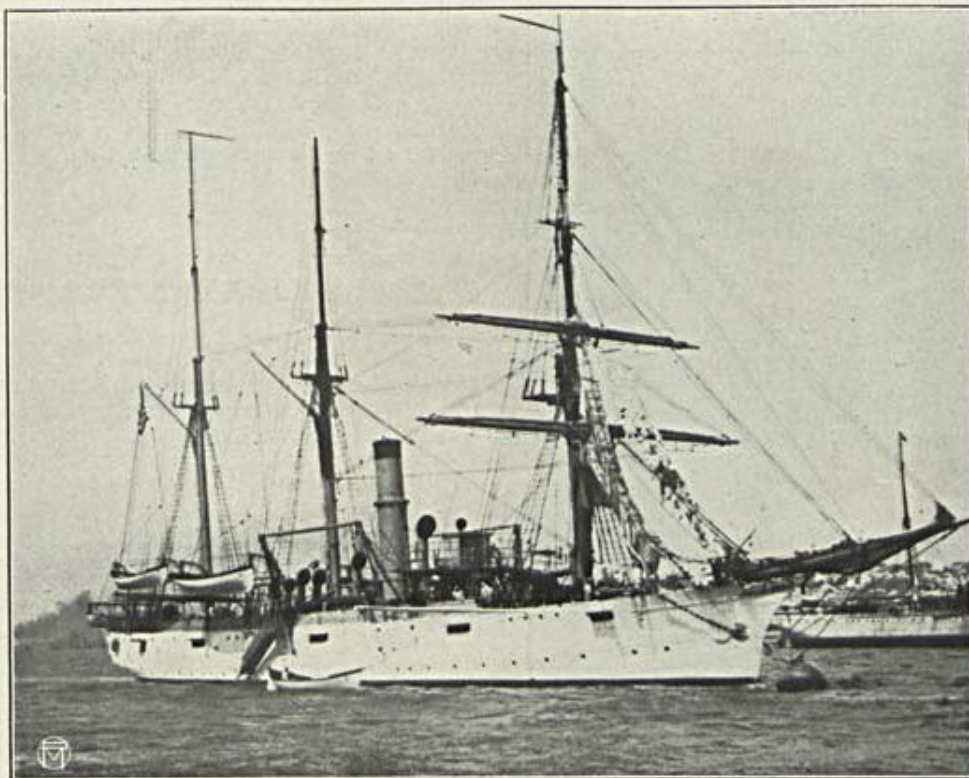
— Pela simples razão de que é muito mais facil governar um reino de que uma mulher.

Museu de Arte Antiga



Uma das novas salas

Assumptos de marinha



O navio escola americano «Ranger»

(Este navio pertence á escola naval de Massachusetts, desloca 1:100 toneladas e tem de tripulação 140 homens)

PENSAMENTOS

Ficar indiferente perante o universo é cousa impossível para o homem. Desde que pensa, — investiga, põe problemas e resolve-os;

precisa de um sistema sobre o mundo, sobre si mesmo, sobre a causa primeira, sobre a sua origem, sobre o seu fim. Não tem, é certo, os dados necessários para resolver os problemas que a si mesmo se dirige: mas que importa? Supre-os por si. De ahí as religiões primitivas, soluções improvisadas dum problema que exigia



A tripulação do navio escola «Ranger»

Assumptos diplomaticos



O sr. dr. Eduardo Lisboa — Novo ministro do Brasil em Lisboa
(Phot. de A. C. Lima)

longos séculos de investigações, mas para o qual era precisa uma resposta sem demora. A sciencia metódica sabe resolver-se a ignorar ou pelo menos a suportar essa demora; a sciencia primitiva queria atingir no primeiro salto as razões das cousas.

RENAN.

Se nos esforçássemos tanto por ser o que deveríamos ser como nos afoitamos por disfarçar o que somos, bem poderíamos deixar-nos ser tal como somos e poupar-nos o trabalho de qualquer disfarce.

A vergonha que resulta do elogio que não merecemos faz-nos muitas vezes fazer coisas que de outro modo nunca teríamos tentado.

O egoismo nunca reina tão absolutamente como no amor; estamos sempre promptos para sacrificar a paz dos que adoramos antes do que perder a menor parte da nossa.

Ha na aflicção varias especies de hypocrisia; choramos para passar por sensíveis, choramos para que se tenha dó de nós, choramos para que nos chorem, choramos até para evitar o escandalo de não chorar.

Por mais que desconfiemos da sinceridade das outras pessoas, acreditamos sempre que ellas serão mais sinceras connosco que com os outros.

Facilmente esquecemos os crimes que somos os unicos a conhecer.

Diga-se o que se disser, o interesse e a vaidade são a causa habitual das nossas aflições.

ROCHEFOUCAULD.



A chegada a Lisboa do novo ministro do Brasil — A bordo do vapor «Frigia» — Da esquerda para a direita: Conde de Linhares, mademoiselle Sousa Coutinho, dr. Eduardo Lisboa (+), condessa de Linhares, irmã do novo ministro do Brasil, dr. Velloso Rebello e Belford Ramos, secretario da legação brasileira.

(Phot. de ***)



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

XI

PROJECTOS AEREOS...

As subscrições abertas entre nós para a compra de aeroplanos apresentam a magreza dos empreendimentos atrophiados pela falta de senso comum. O acolhimento publico a esse chamamento foi diminuto; e não deve causar espanto que assim acontecesse porque a ideia carecia de bases menos ingenuas para poder encontrar uma atmosfera de simpatia geral. Pensarmos nas *coisas do ar* quando tantas ha a cuidar em terra é rematada creancice para lhe não chamarmos desopilante tancice.

Não temos nem marinha nem exercito, convenientes. Em qualquer destes dois ramos de defeza nacional falta-nos o essencial e pouco temos do indispensavel, mas a doideira alfacinha vendo lá fóra, nos outros paizes, que *tudo tem em sufficiente quantidade e primorosa qualidade*, que se tratava de adquirir esquadras aereas, entendeu que uma macaqueação cá pelo povoado, era conveniente como affirmação do nosso progresso e do nosso... patriotismo!

Ora valha-nos Santa Andreza, com licença do sr. Affonso Costa...

Queremos voar, nós, que mal andar podemos por falta de calçado capaz; que temos todos as farpellas no fio e as galochas arrombadas, incapazes de supportarem um aguaceiro mais forte, é luxo um tanto exquisito, é pretensão um tanto irrisoria, que accusa leviano pensar de micleira fraca.

Que devemos cuidar a sério da nossa defeza — dizem. E assim deve ser, porque a experiencia está demonstrando que o *direito de força* está dominando todos os outros direitos. Mas sejamos praticamente sensatos e sensatamente organisadores. Pensarmos em botões de punhos quando primeiro necessitamos comprar pano para camisas, é asneira grande.

E depois, o expediente das subscrições não póde dar resultado num paiz pobre e pequeno como o nosso, onde na maioria dos lares todos os vintens tem uma applicação já previamente calculada, antes de recebidos. São migalhas que pouco poderão traduzir em realidade, por muito boa vontade que haja. Para confirmar esta verdade, basta consultar as listas dos que subscrevem... Mas, em compensação, o que não é remetido em metal, é mandado em alvitres de estupendo engenho. Ahi, sim! Ninguem nos iguala em fecundidade imaginosa e alvitreira. São ás centenas as cartas que a imprensa regista nas suas columnas, propondo loisas para adquirir coisas.

«Que cada pessoa que tiver um gato amarello — diz um — pague 200 réis mensaes, e os que tiverem gatos brancos ou pretos 500 réis, entendo ser uma forma segura de adquirir importante quantia para o patriótico fim.» Todos os fins — é preciso notar — são sempre patrióticos...

O que maior contingente dá para essa legislação anonyma é sempre o *Constante leitor* — essa praga occulta que cahe em todas as redacções, alvitando, aconselhando, descompondo, pedindo, indicando, perguntando, queixando-se.

«Sr. redactor — Correndo ao apelo do seu mui lido e apreciado jornal, venho enviar a V. Ex.^a, sr. redactor, a minha modesta mas patriótica opinião em favor da sua tão sympathica quanto util iniciativa. Estou certo que rapidamente se adquiriria uma avultada receita, obrigando todas as pessoas a pagarem uma taxa fixa que poderia ser de 100 réis por cada degrau que tem na escada da sua habitação. Desta forma todos concorreriam suavemente para a obra monumental que V. Ex.^a, sr. redactor, emprehendeu no seu esplendido diario, adquirindo a certeza que cada degrau subido para o seio da familia seria uma moeda de 100 réis a escorar os alicerces da Patria. Pela publicação destas linhas

muito grato se confessa o de V. Ex.^a, eterno admirador muito obg.^o — *Constante leitor.*»

Ou então ainda este outro, que é infallivel com a sua prosa, em todas as subscrições.

«Cidadão director — O povo não pode e não deve pagar mais impostos, mas tem o dever de auxiliar todas as ideias justas e grandiosas como aquella que o mui conceituado jornal de V. Ex.^a vem tão brilhantemente advogando com extraordinario talento. Proponho para esse fim que o governo determine que todos voluntariamente sejam obrigados a concorrer com um dia dos seus ordenados para a subscrição inserta nas columnas da sua gazeta. Saude e Fraternidade. — Um patriota que protesta contra os impostos.»

E mais este modelo certo, que nunca falta com a sua letra bem lançada de esmerado caligrapho:

«Sr. director — Rogo o favor d'um cantinho do seu muito lido e estimado jornal para lembrar a conveniencia de adquirir receita em favor do seu esplendido alvitre. No meu entender, sr. director, uma festa n'um dos nossos melhores theatros abrilhantada com as bandas regimentaes e com o concurso de dois ou tres dos nossos mais estimados tribunos daria farta receita, sendo ao mesmo tempo um espectáculo util e instructivo. O resto do programma seria prehenchido por uma comedia, por cançonetas, e por poesias dos nossos melhores vates. Caso seja acceite esta minha ideia, como espero, e desejando concorrer para o brilho d'essa festa, envio desde já a inclusa poesia devida á minha penna e que peço licença para offerecer á commissão. — De V. Ex.^a collega, obg. A. P. T. U. V.»

Não cessa por aqui este genero de alviçeiros de todas as subscrições. Ha-os das mais variadas especies, e das mais oppositas ideias, desde o que remette coisas velhas que descobre na trapagem caseira, offerecendo-as para serem vendidas a quem mais der e o *producto applicado á subscrição*, até ao general reformado que invocando Napoleão e descrevendo o seu ataque de impertinente gotta que o retém no leito, entende que «todos os seus camaradas em activo serviço devem dar dois dias do seu vencimento, por mez, para a subscrição.»

Tudo isto que diariamente se patenteia nas columnas das gazetas, tem um sabor infantil que será — se assim o querem — brilhantes manifestações da intellectualidade nacional, mas que espremido para um apuramento de sumo pratico nada dá, que traduza aspiração real, e realisação séria.

O que succedeu já bastas vezes com outras iniciativas de chamamento ás dadas voluntarias, mais uma vez se accentua com a ideia de adquirirmos por esse meio uma esquadilha aerea, que no dizer dos reclamistas, nos salvará de todo o sarampelho perigoso da cubica externa. Como? Não o sabemos; e os technicos consultados sobre a efficacia de tão apregoado elixir tambem não conseguem descobrir a efficacia do xarope.

Será para das alturas vermos, em caso de perigo, o que se passa? Será para espreitarmos os movimentos das grandes nações, olhando Canalejas da cestinha d'um *Voisin*, ou a Alemanha e a Inglaterra d'um outro qualquer hydro ou não hydro, visto que do elevador de Santa Justa não se enxerga mais que os montes de Palmella? Será para diffundirmos a instrucção, atirando das visinhanças da lua sobre o nosso *tristissimo* 75 0/0, os compendios de ensino? Será para extinguir o deficit, fazendo-o subir... subir... subir até que uma nuvem o leve? Será para — oh! se fosse! — ir buscar em paragens mais ventiladas um pouco de juizo, que faça com que esta terra portugueza se não transforme por completo n'um grande manicomio?

Se nenhuns d'estes fins é o previsto, então... cebolinhas, porque para defeza, as *Azas Victoriosas* (como lhe chama o *Seculo*) não conseguirão desencravar-nos da situação subalterna que occupamos.

A não ser que consigam arranjar um grande aeroplano que acarrete com continente e colonias, transportando-nos para outro planeta...

Desta maneira sim, ficaremos em *bóas alturas*, porque na terra dos cegos quem tem um olho é rei, ou, para não ferir as susceptibilidades do sr. Faustino da Fonseca, presidente...

CRISPIM.

Dois elegantes conversavam em um baile, quando passou uma senhora escandalosamente decotada.

— Estás vendo aquella senhora? perguntou um d'elles.

— Quasi toda, respondeu o companheiro.

A PESCA DO ATUM

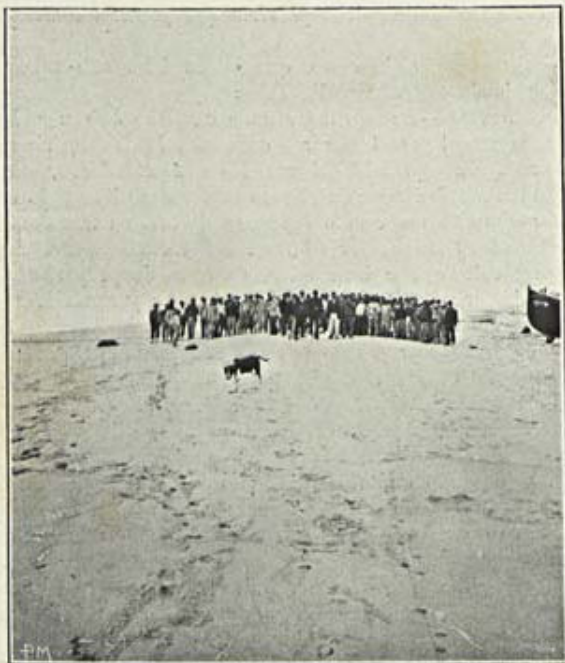
DAMOS hoje aos nossos leitores, em pequenas photogravuras, uma das pescas mais interessantes do nosso paiz, a pesca do atum.

Vê-se na primeira, a companhia reunida para o ponto antes da faina do dia; nas tres immediatas a sahida de um ca-

Para se fazer uma ligeira ideia do que seja uma armação para a pesca do atum nas suas linhas geraes, imaginem os nossos leitores uma enorme rede de cairo, formando os dois lados de um angulo com 2:600 e tantos metros em cada lado, dos quaes, um, a *rabeira*, amarra em terra, e o outro, o *quartel de fóra*, a um grande ferro (ferro de pégo) a proximamente 5:000 metros da praia, n'um fundo de 18 braças e mais de agua.

Imaginem ainda no vertice d'esse angulo, um rectangulo tambem de rede, cujas faces maiores são proximamente parallelas á costa, medindo cada uma d'ellas cerca de 300 metros e os lados menores uns 40 metros.

Esse rectangulo, dividido em tres partes pouco mais ou menos



N.º 1 — A companhia reunida para o ponto



A pesca do atum
N.º 3 — A sahida do calão

lão com o mar agitado; nas tres seguintes os preparativos para o copejo, isto é, o aperto successivo do peixe pela diminuição do espaço que primitivamente occupava, obrigando-o assim a vir á superficie; e na ultima a faina do copejo.

eguaes (camara, bucho e copo), constitue o quadro da armação, onde se abre a *bocca* que, por uma disposição especial difficil de descrever, permite a entrada do peixe, impedindo-lhe ao mesmo tempo a sahida.



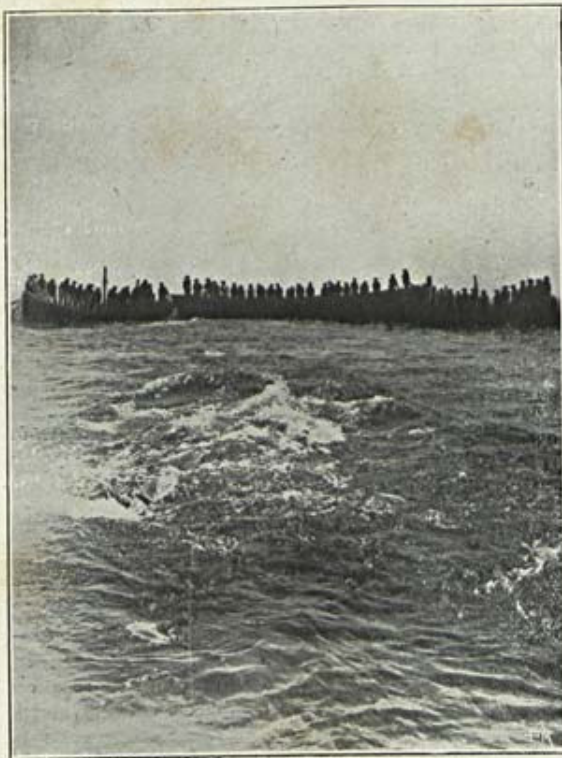
A pesca do atum
N.º 2 — Os preparativos para a sahida d'um calão



A pesca do atum
N.º 4 — O calão em pleno mar

Toda a rede da armação, lançada perpendicularmente, é ligada pela parte superior, e em toda a sua extensão, a grossos

sobre a pesca do atum, em que foi proficuamente auxiliado pelo sabio naturalista Girard: foi ella, que ás maiores passagens do



A pesca do atum

N.º 5 — Preparativos para o copejo — Levantando o copo



A pesca do atum

N.º 6 — Preparativos para o copejo — Apertando o peixe

cabos de arame, e mantida em fluctuação por grande porção de barris e por cortiça, em quantidade não inferior a 2:000 arrobas. A sua verticalidade é obtida por grossas correntes e bôdos de barro, que a ella se ligam inferiormente e que assentam no fundo.

Obtem-se a estabilidade com 200 e mais grandes ferros, de peso variavel, que chegam a attingir 16 e 18 quintaes, e que se agrupam aos quatro e cinco, nos pontos que mais resistencia precisam offerecer ás grandes aguagens que teem de supportar, sendo que por vezes nem assim se consegue evitar que as diferentes partes da armação se desloquem e se deformem nas suas linhas geraes.

A armação diz-se de *direito* ou de *revés*, conforme é lançada para a pesca do atum, antes ou depois de desovar.

No primeiro caso, o angulo formado pelo quartel de fóra e ra-beira, é voltado para Leste; e no segundo para Oeste.

E' que, segundo a tradição, que a experiencia de muitos annos confirma, o atum, que durante o anno estaciona nos grandes fundos, vae nos mezes de maio e junho, em grandes cardumes, desovar nas aguas quentes do Mediterraneo, regressando nos mezes de julho e agosto.

E' assim que nas costas do Algarve se pesca nos dois primeiros mezes o atum de *direito*, gordo e com ovas tumidas e replectas, e nos dois ultimos o de *revés*, magro e de ovas vazias e correentas.

Uma observação curiosa fez El-Rei D. Carlos nos seus estudos

atun de *direito*, correspondem, passados 52 dias, as maiores passagens do atum de *revés*; d'onde se conclue, que é esse o espaço

de tempo que o atum gasta desde a sua passagem nas nossas costas até ao seu regresso.

A experiencia tem com effeito constatado mais ou menos o acerto da observação.

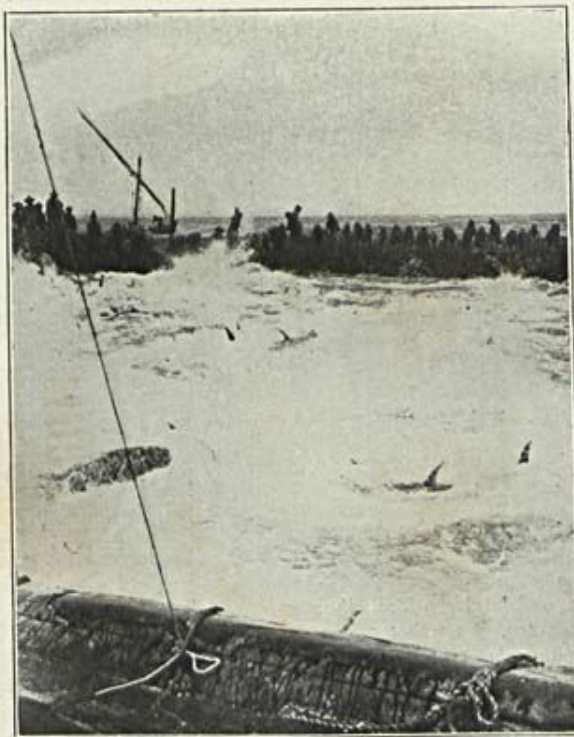
Seja como fôr, o que é certo é que o atum na sua derrota de leste para oeste ou vice-versa, encontra as redes do quartel, de malhas muito grandes e que lhe permittiriam facil passagem, se, timorato como é, a sombra que projectam sobre as aguas não constituísse para elle uma barreira insuperavel, que se não atreve a transpôr.

Seguindo então ao longo da rede, vae encontrar um espaço livre, a bocca, por onde entra no quadro, em que a malha é já estreita e mais forte.

Uma vez no cópo, a rede que é de linho e de malha muito apertada, assentando no fundo, é, á força de braços mettida a pouco e pouco dentro dos barcos, obrigando-se assim o atum a vir á superficie. E então, abossada a rede, começa o copejo.

O copejador, empunhando um pequeno ferro que termina em gancho (bicheiro), crava-o proximo da cabeça do atum quando este lhe passa junto do barco, e aproveitando os movimentos desordenados em que se debate, mette-o dentro, apezar de por vezes attingir o peso de seis, oito e dez arrobas!

E um espectáculo unico, empolgante, o ver uma sacada de



A pesca do atum

N.º 7 — Preparativos para o copejo — Ultima phase

400 ou 500 atuns, debatendo-se num espaço relativamente pequeno, empurrando-se mutuamente, em procura de uma sahida que não encontram e espadanando a agua a grandes alturas, com a força herculea de que dispõem na cauda!

E através d'essas catadupas d'agua projectadas ao espaço, os voadores, pequenos peixes de tons azulados e largas barbatanas transparentes em forma de azas, fendem o espaço em todos os sentidos, com reflexos dourados de luz, n'uma fuga doida d'esse turbilhão que os envolve, que os sufoca, que os esmaga!

Imaginem os nossos leitores esse espectáculo, imponente no seu conjunto, banhado pela luz clara e vivificante de um sol algarvio, sob um céu puro e límpido que nenhum outro eguala, e digam-nos depois se não vale bem a pena o arrostar com o incommodo de algumas horas em caminho de ferro, para ir a uma das praias algarvias gosar esse espectáculo, que é unico no seu genero, e que uma vez presenciado jamais se apaga da nossa memoria, de tal modo elle nos impressiona e empolga.

Não queremos terminar esta pequena noticia sem salientarmos um facto curioso que se dá nas armações de atum, tal é o perfeito socialismo que a ellas preside, e que explica a perfeita harmonia que nellas existe entre o Capital e o Trabalho.

O pessoal da armação, que se compõe de um mandador, dois immediatos (perguiceiros), dois escrivães e de uns 90 companheiros, tem um pequeno vencimento diario, que é, geralmente, de 320 réis para o mandador, de 160 para os perguiceiros e escrivães, e de 100 réis por cada companheiro.

Em cada dia de pesca, porém, tem de comedorias 13 0/0 do producto da venda do peixe, deduzidos apenas 5 0/0 dos direitos para a Fazenda Nacional; e no fim da temporada, tem mais 10 0/0 do producto total da pesca, liquido das comedorias, do imposto de pescado e da andaina aos barcos matriculados na armação e que conduzem o peixe ao mercado. Esta andaina é de 7 a 10 0/0 do producto da venda do peixe conduzido, conforme a menor ou maior distancia a que a armação se encontra de Villa Real, onde a venda se effectua.

Como os nossos leitores vêem, pois, cada companheiro de uma armação e cada dono de um barco que n'ella se emprega, são tão directamente interessados na pesca como o proprio armador; e assim, n'uma justa comunhão de interesses, o Capital e o Trabalho, caminhando a par e passo, um ao lado do outro, sem embates, sem atrictos, sem se chocarem, auxiliam-se mutuamente, porque indispensaveis são um ao outro, n'este trabalho gigantesco do *Struggle for life*!

O veneno da palavra

(EXCERPTO)

Escolhei entre os venenos mais subtis e corrosivos, nenhum tão pernicioso e imperceptivel como o uso perfido e improbo da palavra. A falsa palavra causa ainda mais damnos que a moeda falsa.

A falsidade da moeda prejudica apenas os valores materiaes; a falsidade da palavra corrompe e annulla toda a valia moral. Uma chega até á bolsa, a outra alcança até á alma; a primeira diminue os haveres, a segunda envenena os espiritos; aquella ataca a riqueza, esta destroe a vida.

Com a falsa palavra engana a astucia as faceis credulidades, disfarça a cubiça a ruinosa soffreguidão, deixa a lisonja as ardi-lezas torpissimas.

A palavra refalsada illude todos os poderes e mina todos os estados. Tem cortezaos que lhes mentem os principes, quando os principes imperam; tem aduladores que lhes mentem os povos, quando os povos exercem faculdades soberanas.

Onde ha que dar e receber, ahi está logo a solicitação dolosa a embair e azedar.

Se dá o favor, lá a achaes aulica no paço; se dá o tumulto,

lá a descobrir furia na praça. Essa palavra fallaz essa palavra Protheu, não ha veste que não adopte, não ha mascara que não cinja. Vel-a-heis aos pés da plebe, se da plebe espera proveito; vel-a-heis aos joelhos dos grandes, se dos grandes suppõe tirar lucro.

E é sempre a mesma, sempre avidez, sempre egoismo, sempre embuste, sempre aleivosia, sempre traição, sempre, e com todas as coisas, falsidade, sempre e para todas as pessoas detrimento

MENDES LEAL.



A pesca do atum]

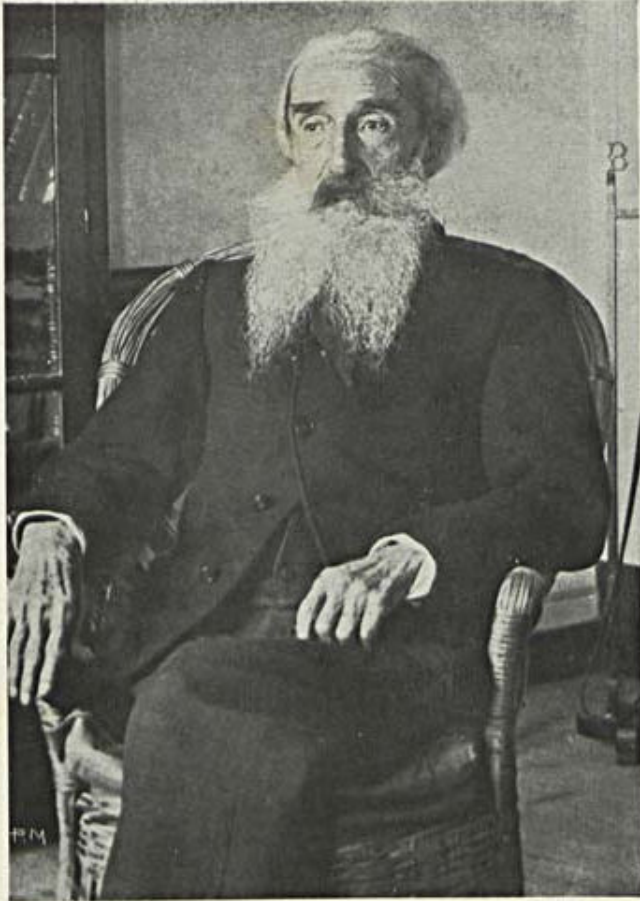
N.º 8 — O copejo do atum

Batalhas, cercos e assaltos principaes em que, durante a guerra da Peninsula, entraram as tropas portuguezas e inglezas

Batalha da Roliça. — em 17 de agosto de 1808.
Batalha do Vimeiro. — Em 21 de agosto de 1808.
Batalha da Corunha. — Em 20 de janeiro de 1809.
Batalha de Talavera. — Em 27 e 29 de junho de 1809.
Batalha do Bussaco. — Em 27 de setembro de 1810.

Batalha de Fuentes de Honor. — Em 3 de maio de 1811.
Batalha de Albuera. — Em 16 de maio de 1811.
Batalha de Fuente Grinaldi. — Em 27 de setembro de 1811.
Assalto de Ciudad Rodrigo. — Em 19 de janeiro de 1812.
Assalto de Badajoz. — Em 6 de abril de 1812.
Batalha de Salamanca. — Em 22 de julho de 1812.
Batalha de Victoria. — Em 21 de junho de 1813.
Batalha dos Pyreneos. — Em 25 de julho a 2 de agosto de 1813.
Assalto de S. Sebastião. — Em 31 de agosto de 1813.
Batalha de Nivelle. — Em 11 de novembro de 1813.
Batalha de Nive. — Em 13 de dezembro de 1813.
Batalha de Ortez. — Em 27 de fevereiro de 1814.
Batalha de Toulouse. — Em 12 de abril de 1814.

A mulher é um altar sagrado em que o homem adora o seu creador.



Bulhão Pato

(† a 25 de agosto de 1912)

Que dizer de Bulhão Pato que não esteja já escripto, que não seja já conhecido, que não esteja no animo de todos os que sabem apreciar

a sua a obra? Que elle foi um formoso poeta, que os seus versos tinham encantos especiaes, que a sua modestia egualava o seu valor? Mas tudo isto é banal quando se trata d'uma figura como a de Bulhão Pato, agora para sempre envolta no mysterio da morte.

N'este momento, portanto, em que os seus restos mortaes entraram no cemiterio da pequenina villa que durante tantos annos o teve como hospede, nós apenas sabemos sentir, embora a não saibamos expressar a dolorosa perda que foi o seu fallecimento.

Receba a enlutada familia as condolencias d'esta Revista.

Ultimos versos de Bulhão Pato

O cemiterio do Monte

Fica n'um alto, e é bonito,
O cemiterio d'aqui.
Da casita onde eu habito
Em dois passos... chego alli

A's tardes, vou-me até lá;
Tardes serenas de inverno
Quando o sol se afunda já:
Parece-me um lar paterno!...

Encerra tantos dos meus
Aquelle breve recinto,
Que em lar paterno me sinto!

Oiço o mar; não fica longe,
E' gratissimo escutar.
N'esta solidão de monge,
Os movimento do mar!

E os meus sentidos absortos
Nas memorias do passado
Ouvem falar os meus mortos!...

BULHÃO PATO.

O FUNERAL DE BULHÃO PATO



No cemiterio de Caparica — O primeiro turno: os srs. Roque Arriaga, representante do sr. Presidente da Republica e dr. Julio Dantas, representante do governo

Vida Elegante

ANNUNCIAM os jornaes um grande movimento diplomatico em Italia, do qual resultará a elevação a embaixador d'aquelle paiz para Madrid, do snr. Marquês Paulucci di Calboli, Ministro em Portugal. A ser verdadeira a noticia, soffre a sociedade lisbonense, já agora tão restricta pela forçada ausencia de muitos dos seus mais illustres membros, uma grande perda.



O sr. marquês Paulucci di Calboli
Ministro da Italia

Já aqui fizemos justas referencias aos Marquês Paulucci di Calboli e a seus filhos e á situação de carinhosa sympathia que souberam conquistar de ha muito entre os portuguezes. As suas festas não tem o rigido aspecto cerimonioso dos actos mundanos officiaes; são cheias de brilho, de animação e de alegria, sem prejuizo do faustoso e magnifico apparato decorativo com que se realizam; antes dando ainda maior realce ás suas excepçoes bellêzas.

Colleccionador apaixonado e erudito, o snr. Marquês Paulucci di Calboli conseguiu juntar na legação de Italia tantas preciosidades artisticas, que, percorrer as bellas salas do palacio Valmôr equivale a visitar um valioso museu de arte ornamental dos mais bellos e dos que mais ensinamento dão ao espirito e maior e mais delicado prazer ao olhar extasiado dos entendedores e de profanos.

Mas, não são apenas essas preciosidades — entre as quaes figuram na magnifica biblioteca, obras de grande valia, não são apenas essas collecções organisadas e dispostas, — com sciencia e consciencia, o que pode attestar a alta cultura intellectual do snr. Marquês Paulucci di Calboli; esse valor incontestavel é affirmado pelas suas produções scientificas e litterarias que lhe marcaram de ha muito um logar de singular destaque entre os mais considerados publicistas italianos. Larga é a sua obra não nos sendo possivel de momento enumerar-a com a precisa exactidão; mas temos a boa fortuna de possuir na nossa bibliotheca, já ha tempo, alguns d'esses notaveis trabalhos com que o illustre diplomata se affirmou, não menos illustre litterato e homem de sciencia..

Esta feliz circumstancia nos permite citar como exemplo de affirmações notaveis de brilho do seu talento, o trabalho intitulado *Ancora la tratta delle Ragazze italiane e la conferenza internazionale de Parigi* (1902) e ainda os seguintes. *Les grands inconnus dans la litterature*, (1904) *Il fallimento delle teorie delle raze* (1905); *L'Assistance aux eltrangers en France et les ouvriers italiens*, (1906); *L'Italian en France* (1908). Como dissemos apon-tamos apenas como exemplo de actividade intellectual do illustre Ministro de Italia estes trabalhos; outros illustram ainda e completam a sua bella obra de talentoso publicista.

Com tantos titulos á nossa admiração e sympathia, alliando á sua vasta illustração a circumstancia de ser um nobilissimo caracter e tambem no seu trato social, um verdadeiro *charmeur*, com-

preñende-se facilmente a magua com que foi recebida pela nossa melhor sociedade e podemos até accrescentar, por todas as classes sociaes, a noticia da provavel retirada de Portugal do sr. Marquez Paulucci di Calboli e de sua distinctissima familia. E' certo que esse facto representa para o illustre diplomata — como promoção na sua carreira — uma alta distincção que pelo seu significado muito devia satisfazer os seus amigos de Portugal: mas... o coração humano é afinal um abysmo de insondaveis egoismos... Assim no actual momento só nos lembra que vamos ficar privados do convivio d'uma familia illustre que nos é particularmente querida!

E' assim o coração humano...

Na Legação do Uruguay, em Lisboa, festejou-se no dia 25 de Agosto, o anniversario da independencia d'aquelle paiz. Todo o dia tremulou na varanda da elegante moradia da rua de S. Domingos, á Lapa, a bandeira da prospera republica: e todo o dia o seu representante em Portugal, o sr. Dr. Ramos Montero e a sua distincta e estimada familia, receberam os cumprimentos das altas classes sociaes da cidade onde contam as maiores sympathias e justificados respeito.

N'essa festa de caracter intimo, a que os primôres de trato da familia Ramos Montero deram superior realce, como succede sempre que se abrem as portas d'aquella hospitaleira casa, tiveram mais uma vez os illustres representantes do Uruguay em Portugal a prova da justiça que todos fazemos aos seus excepçoes merecimentos.

Lisboa tem o aspecto desolado d'uma cidade abandonada das authenticas elegancias. Em compensação, ao desterro, que é agora



O sr. dr. Dionisio Ramos Montero
Encarregado dos negocios da Republica do Uruguay

a capital para os que se encontram aqui forçadamente, chegam a toda a hora rumores alegres de perenne festa, nas praias e nas thermas. Ha que soffrer em silencio esse duro supplicio! E d'ahi, em silencio, não! Mostraremos grandeza d'animo, dando nestas pa-

ginas o chronista, por conta da informação alheia, nota de tantas arrelhiadoras folias...

Das Caldas, de Cascais, dos Estoris, da Granja, da Figueira, em breve daremos informes escriptos e gravuras ineditas. O que não promettemos é conseguir que da nossa prosa não resalte a saudosa melancolia com que registamos tantas e tão alegres festas... por ouvir dizer.

LUIZ TRIGUEIROS.

Sem o soffrimento é incompleto o amor da mulher, assim como é imperfeito sem a gloria o amor do homem.

PREOCCUPAÇÃO DE SABIO

Em França um mystificador de bom gosto, apresentou um dia a um sabio archeologo um pequeno vaso de barro, de fórma pouco vulgar, tendo em relevo as seguintes iniciaes: M. J. D. D.

Disse-lhe que tal objecto havia sido encontrado n'umas excavações, e pediu-lhe que decifrasse aquella mysteriosa inscripção. O sabio, depois de maduro exame, concluiu que o vaso era do tempo dos romanos, e devia ter sido consagrado a Jupiter, visto como as iniciaes queriam dizer: *Magni Jovi Deorum Deo* (Ao grande Jupiter, deus dos deuses). Então o mystificador, dando uma gargalhada, disse-lhe: — Está enganado. Isto quer dizer simplesmente — *Moutarde Jaune De Dijon* (mostarda amarella de Dijon)!

PORTUGUEZES ILLUSTRES



SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES

Tem a maior oportunidade a publicação do retrato d'este portuguez illustre, n'este momento em que acabam de passar-se 264 annos sobre a sua mais importante façanha.

Foi em 15 de Agosto de 1648, que Salvador Correia de Sá, appareceu subitamente em frente de Loanda, onde os holandezes, que então dominavam na provincia de Angola, tinham uma guarnição de 1:200 homens distribuidos pela fortaleza do Morro de S. Miguel e pelo forte da Guia.

O heroico portuguez levava consigo, n'uma esquadilha, que á custa dos seus haveres tinha organizado no Rio de Janeiro, apenas 900 homens. Não obstante, intimou o governador hollandez a render-se, propondo este oito dias de demora provavelmente para chamar em seu auxilio os regulos do interior.

De nada lhe valeu a estrategia, porque Salvador Correia de Sá, percebendo-lhe o intento, desembarcou os seus soldados e, embora sem artilharia, deu arrojadamente um assalto simultaneo ás duas fortalezas. Foi repellido e perdeu 233 homens.

Não desanimaram os portuguezes, e quando no dia seguinte se preparavam para repetir a temeridade, viu-se com espanto que os holandezes enviavam parlamentarios propondo a rendição incondicional. Assim se rendeu Loanda no dia 16 de Agosto de 1648, entregando-se 1:100 guerreiros da Hollanda a 600 soldados luzitanos.

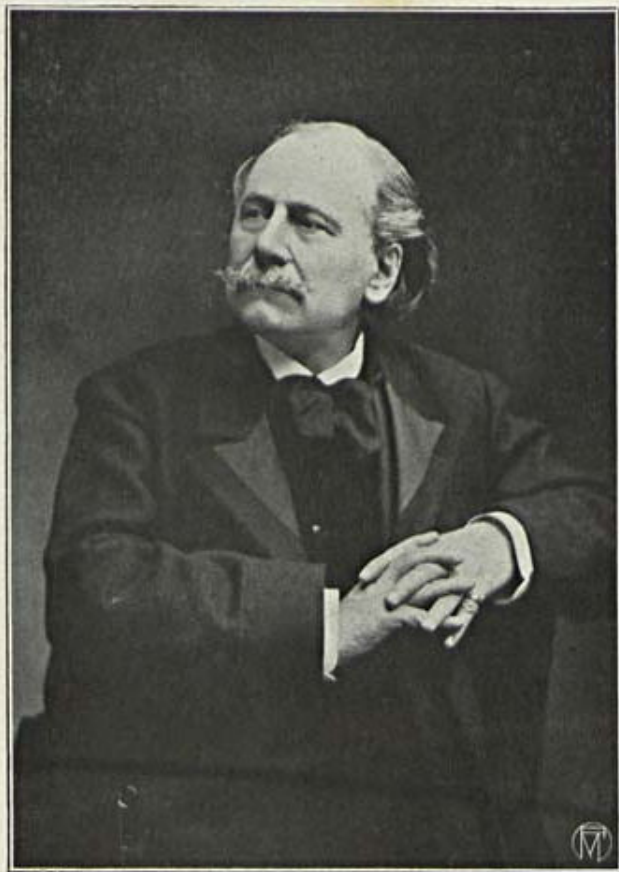
Dias depois dos portuguezes estarem de posse da cidade, appareciam, vindos do sertão, 2:000 negros e 250 soldados, chamados provavelmente pelo governador hollandez. Era demasiado tarde!

D. João de Almeida, actualmente preso como conspirador na Penitenciaria de Lisboa e a quem não ha muito foi vestido o capuz infamante, é descendente d'este portuguez illustre, cujo retrato honra hoje esta pagina do «Brasil-Portugal».

MASSENET

MASSENET, o inspirado poeta-musico, o sublime cantór da Mulher, após um indefesso labor de cerca de cincoenta annos, em que tanto renome conquistou, não só para a França, como para a Arte latina, de que era uma gloria incontestada, acaba de desaparecer, deixando enorme vacuo no mundo musical.

Julio Emilio Frederico Massenet, era filho de um antigo official



Jules Massenet

superior de Napoleão I e nascera a 12 de maio de 1842, contando, portanto, actualmente, setenta annos.

As suas aspirações musicas reveláram-se muito cedo, entrando no Conservatorio de Paris em 1857 e obtendo d'ahi a dois annos o primeiro premio de piano. Discipulo de Henri Reber na aula de harmonia, seguiu os cursos de composição do insigne Ambroise Thomas, obtendo em 1863 o primeiro premio de contraponto, de fuga, e o *Grand Prix de Roma*. A sua permanencia na *Villa Médicis*, o palacio que na cidade Eterna é destinado á embaixada da França e a albergar os estudantes francezes, foi para Massenet um periodo encantado, que lhe deixou inolvidaveis recordações. Entre outros teve ahi por condiscipulos Bizet e Saint-Saens.

Calcula-se que sonhos de gloria não deviam prepassar pelo cerebro incandescente de Massenet, que já então pensava em abordar a scena; e tanto que de volta a Paris, apresentou na Opera Comique, a sua primeira opera n'um acto, *Grand Tante*, que foi representada em 1867.

A sua primeira partitura importante foi *Don Cesar de Bazan*, cujo libretto foi extrahido do drama de d'Ennery e que igualmente foi representada na Opera Comique, em 1872.

Ao mesmo tempo Massenet prodigalisava-se, compondo as *Scènes hongroises*, as *Scènes pittoresques* e a *Ouverture de Phédre*, que foram executadas nos Concertos populares de Padeloup.

Em 1873, o Odéon representa a sua *Marie Magdeleine*, drama sacro em tres actos, cantando o papel principal a celebre M.^{me} Viardot. E' uma das suas obras mais perfectas, pela fórma classica de oratorio.

Porém, a verdadeira notoriedade de Massenet, data de 1877,

quando, na Opera de Paris, foi executado, com grande esplendor scenico, o seu *Roi de Lahore*, tendo por interpretes os tres irmãos de Reszké: Josephina, João e Eduardo de Lassalle. O successo do *Roi de Lahore* foi colossal e certas paginas, como a famosa *aria* e o duetto de Sita e Scindia, ficaram celebres. E' então que Massenet foi nomeado cavalleiro da Legião d'Honra e membro do Instituto. Estava consagrado.

Foi a *Hérodiade*, cantada no Monnaie, de Bruxellas, que alcançou para Massenet o seu segundo grande exito.

Seguidamente Massenet aborda o genero mais intimo, aquelle em que, de posse inteiramente da sua *maneira* inconfundivel e pessoalissima, havia de alcançar os seus mais legitimos triumphos e produz, entre muitas outros *spartittos*, as suas duas obras primas: — *Manon* e *Werther*, que alcançaram fama universal.

Outros *spartittos* viram a luz da rampa, como o *Cid*, em 1885; *Esclarmonde*, em 1889; a *Thaïs*, na Opera, em 1894, tendo por interpretes M.^{me} Landerson e Delmas; *Le Portrait de Manon*, 1895; *Sapho*, *Cendrillon*, 1890; *Grisélidis* e *Le Jongleur de Notre Dame*, 1894; *Chérubim*, 1903; *Ariane et Bacchus*, 1907; *Don Quichotte*, em 1910; *Thérèse*, em 1911; e finalmente em 24 d'abril ultimo — *Roma*.

O fecundo artista deixa ainda innumeradas composições de vario genero, como oratorias, melodias, côros, peças soltas para piano e ainda a opera *Amadis*, que nunca foi representada.

Panurge, que brevemente vae ser executada em Paris, será o successo posthumo do glorioso compositor francez.

A obra de Massenet, toda impregnada de um lyrismo perfumado, ha de sobreviver-lhe, porque, em toda ella o grande artista deixou exparsos pedaços da sua propria alma, pois que era um affectivo, um bom, um sincero; e na phrase de Gustave Charpentier, o seu discipulo dilecto e laureado compositor da *Louise* — «um prodigio de bondade;» e é pela sinceridade da sua emoção, que transluz nas paginas mais rutilas e empolgantes da sua obra, que o grande artista penetrou na alma das multidões, fazendo-as vibrar intensamente.

Espirito creador e irrequieto, Massenet não podia submeter-se aos estreitos ambitos delimitados pelas escolas, e a sua obra accusa uma progressiva evolução.

Assim, se no *Roi de Lahore*, Massenet, não tendo fixado ainda a sua maneira definitiva, se deixa influenciar especialmente por Meyerbeer e Verdi, bem como na sua *Esclarmonde* ha, inegavelmente, reminiscencias wagnerianas, sacrificando, por vezes, as vozes aos grandes effeitos polyphonicos orchestraes; já na *Manon*, no *Werther* e na *Thaïs* o illustre compositor accentua a sua inconfundivel individualidade, entretecendo, com raro *savoir faire*, o dialogo entre as vozes e a orchestra, como demanda o drama lyric moderno.

Foi esta sua ultima maneira, em que o insigne musicographo abordou o genero mais intimo, que lhe proporcionou os seus triumphos mais sentidos e expontaneos.

Ainda assim o seu *Werther* levantou larga controversia e um critico francez, Adolpho Julièn, sustentou que Massenet, n'esta sua composição, não correspondêra, com o devido vigor, ao desenho das paixões que agitam as personagens do *Werther*.

Aqui, seja-nos permittida a immodestia de reproduzirmos, um trecho da nossa resenha lyrica, publicada no *Diario Popular*, quando da *première* do *Werther*, em o nosso S. Carlos, em fevereiro de 1899, em que, á falta de auctoridade, com a isenção, que nos caracteriza, pretendemos rebater a opinião de Mr. Julièn, nos seguintes termos:

«Quanto a nós, Massenet, que, na scena da seducção de *Manon*, na egreja de S. Sulpicio, scena descripta com tão larga e poderosa inspiração, que a torna uma das mais inolvidaveis paginas musicas modernas, já revelára possuir brilhante e original vigor, para desenhar com rara propriedade as scenas mais dramaticas e empolgantes, emprega no *Werther*, com estudado *parti pris* essa forma de melodias, por assim dizer inebriantes e cheias de riqueza voluptuosa, que, segundo a sua maneira de ver, mais se coadunam com o caracter sonhador e visionario de Werther e as hesitações entre o dever e o amor, que conturbam o coração da Carlota. Ao ouvir taes melodias ha qualquer coisa que agita fundamentalmente todo o nosso ser, embriagando ao mesmo tempo os nossos sentidos.

No *Werther*, o illustre compositor francez deixou-se impregnar

pela poesia que se evolva do romance de Goethe, do pessimismo cheio de desesperança de Werther e compoz esse delicioso *spartito*, que acaba de nos proporcionar uma das mais penetrantes e inolvidáveis emoções intellectuaes, que nos tem sido dado sentir.»

Massenet, como succede a todo o artista de real valor, a todo o homem verdadeiramente superior, debateu-se sempre nas agónicas duvidas ácerca da imperfeição da sua obra; e era por isso muito sensível aos reparos da critica. E consequentemente, também manifestava a sua effusiva gratidão áquelles que apreciavam a sinceridade do seu trabalho.

D'isto tivemos a prova quando, decorridas duas semanas, recebiamos de Paris, por intermedio do nosso querido e mallogrado Alfredo Keil, com quem o mestre francez se correspondia, o seguinte bilhete de Massenet:

Portugal

Monsieur Ferreira Mendes .

Lisbonne .

Paris - 22 Jan /99.

MONSIEUR MASSENET

Avec mon plus cher et reconnaissant
remerciement !

Do fundo da nossa mediocridade ficámos surprehendidos; mas tivémos a explicação do caso no facto do tenor francez Delmas, que fóra contractado, pela empresa Pacini, para vir crear em S. Carlos o papel de protagonista do *Werther*, ter levado para Paris os jornaes lisboenses, que se haviam referido á *première* da obra prima de Massenet.

Liberto das peias escolasticas, varridas as reminiscencias de estranhos, emfim, em plena posse da sua personalidade e tendo por principio bazilar de verdadeira Arte a expressão da vida, Massenet dá livre curso aos vãos da sua imaginação creadora, revelando-se então o colorista insigne, cujas melodias penetrantes e arrebatadoras, cheias de um sensualismo perturbador, constituem algumas das admiráveis paginas da *Manon*, da *Sapho*, do *Werther* e da *Thaïs*.

Em contraposição, na *Grisélidis*, o musico inspirado descreve com efficaz poder emotivo o amor conjugal e maternal, empregando muita serenidade de expressão e, por assim dizer, diluindo as tintas da sua rica palheta de colorista para nos dar a melodia impregnada de uma encantadora singeleza, bem como nas paginas

do *Jongleur de Notre Dame* predominam a egualdade e o perfeito equilibrio, casando-se admiravelmente com a serenidade melodica, que tão fielmente reproduz o tom ambiente do claustro.

Esta feição mystica, já Massenet sobejamente havia patenteado nas suas peças choráes religiosas, nas suas oratorias—*Marie Magdeleine*, *Eva* e *Vierge*—e na soberba scena da sacristia de S. Sulpicio, no 3.º acto da *Manon*.

M. Borgex, no artigo escripto na *Comoedia*, logo no dia immediato ao da morte do grande compositor, concretisa nas seguintes linhas a feição artistica do Mestre:

«Massenet soube melhor que pessoa alguma ferir a sensibilidade humana. Em cada uma das suas inspirações ha o quer que seja que enlaça e captiva, sendo inexcédível quando exprime os arrebatamentos do amor. Foi incomparavel na melancholia e tristeza das despedidas derradeiras.

Quantas paginas seria necessario citar para pintar a caracteristica d'este temperamento tão prodigiosamente rico e fecundo!

Esta caracteristica é mister procural-a, não na potencia das scenas dramaticas e na solemnidade das marchas triumphaes, mas na intimidade da morada da *Manon*; na scena em que a frivola heroína expira nos braços do cavalleiro de des Grieux; na calma noite de luar do *Werther*, na alma pura e simples do *Jongleur de Notre Dame*; emfim, em todas estas melodias d'uma côr tão penetrante pelas quaes se traduz o amor d'Hérode, de Scindia e de Athanaël.»

As operas *Manon*, *Werther* e *Jongleur de Notre Dame* conglobam, entrelaçando admiravelmente tudo quanto a paixão arrebatadora, a phantasia, o lyrismo simples, a idealidade translucida podem realizar no dominio da poesia e da musica.

São todas estas paginas admiráveis, que sempre arrebataram os diversos publicos, tanto da velha Europa, como do Novo Mundo, que alcançaram para o inspirado compositor a consagração mundial.

Massenet não morreu.

Pode muito embora a materia, o seu corpo, repousar na sua adorada thebaida de Egreville, que, emquanto existirem a Mulher e o Amor, a sua memoria será tão impercível como a d'esse outro torturado do genio e do amor—o divino Chopin.

FERREIRA MENDES.

SERENATA

Caiu do céu uma estrella.
Ai, que eu bem a vi tombar!
Era a noute pura e bella,
Murmurava ao longe o mar...

Era tudo extase e calma,
Perfume, encanto e fulgor...
Só no fundo da minha alma
Que desconforto e que dór!

Dorme e sonha, minha bella,
Emballada ao som do mar...
Caiu do céu uma estrella,
Triste do que a viu tombar!

Era uma estrella caída,
Uma entre tantas, não mais!
Era uma illusão perdida,
Era um ai entre mil ais!

E hasde viver torturado,
Louco, incerto coração,
Só por um astro apagado,
Por uma morta illusão?

Dorme e sonha, minha bella...
Como chora ao longe o mar!
Caiu do céu uma estrella.
Ai de mim que a vi tombar.

ANTHERO DE QUENTAL.

O HOMEM DAS BOTAS

O visconde de Almeida Garrett escreveu o seguinte no seu bello livro *Viagens na minha terra*: — «Saiba o leitor contemporaneo e saiba a posteridade, para cuja instrucção principalmente escrevo este douto livro, que pela invasão de Massena, o grande paladio scalabitano (*a reliquia do Santo Milagre*) foi mandado recolher a Lisboa e ahi se conservou alguns annos, até muito depois da completa retirada dos francezes.

Passado todo o perigo de que o exercito invasor roubasse, ou profanasse, que era o mais provavel, a santa reliquia, começou a

no seu barco d'agua arriba e navegava com vento e maré para as ditosas ribeiras de Santarem.

Ninguém o viu sahir, nem soube novas d'elle em Lisboa, senão quando constou da sua chegada a Santarem, e das grandes festas que lhe fizeram aquelles saudosos e devotos servos ribatejanos.»

Agora completaremos nós esta curiosa noticia, transcrevendo aqui o reclamo que n'aquella occasião se espalhou profusamente em Lisboa annunciando a famosa proesa do *homem das botas*, que ficou proverbial no nosso paiz. E' como se segue:

«Noticia. — Um official do exercito britannico tem apostado 500 libras esterlinas que ha de passear á travessa do Rio Tejo, na segunda-feira que vem, á uma hora depois do meio-dia, em um par de botas de cortiça; e principia o seu passeio á Torre de Belem e ha de chegar á Torre Velha. Estas botas são de uma cons-

THEATROS

COLYSEU DOS RECREIOS



A côrte de Napoleão — Acto 3.º

(Phot. de A. C. Lima)

reclamal-a o senado e povo santareno, e a mostrar muito pouca vontade de lh'a restituir o senado e povo ulyssiponense.

Apertada se via a regencia d'estes reinos com a restituição do Santo Milagre, que era de justiça fazer-se a Santarem, mas que Lisboa recusava e ameaçava impedir. Temia-se alboroto no povo. Não sei de quem foi o alvitre, mas foi de maganão de bom gosto, e bom gosto teve também o governo em o acceitar e aproveitar. Para o dia em que o Santo Milagre devia sahir de Lisboa, Tejo acima, e que se esperava fosse com grande solemnidade e pompa ecclesiastica, fez-se annunciar por cartazes que um Fulano de tal passaria o rio de Lisboa a Almada em umas botas de cortiça, nas quaes se teria direito e enxuto, navegando a pé, sem mais embarcação, véla nem remo. A logração era gorda e grande; melhor e mais depressa foi engulida.

No dia aprasado despovoou-se a capital, e uns em barcos, outros por navios, outros por essas praias abaixo, tudo se encheu de gente de todas as classes, e todos passaram o melhor do dia á espera do homem das botas.

No emtanto, muito surrateiramente embarcava o Santo Milagre

trucção admiravel e curiosa; foram inventadas pelo mesmo official que faz este passeio.

Lisboa — Na officina de Joaquim Thomaz d'Aquino Bulhões — Anno de 1811 — Com licença da Meza do Desembargo do Paço.»

Contradança

(Origem da palavra)

Parece que a etymologia d'este vocábulo está naturalmente indicada, desde que a contradança é formada de pares dispostos em alas que dançam uns *contra* os outros. E', comtudo, outra a origem. A contradança é de procedencia ingleza, onde a principio era usada exclusivamente pela população rural. D'ahi veio a denominação de *country danse* (dança camponeza) donde nasceu a palavra *contradança*.